

A burocracia vota no PT

24 NOV 1989

ESTADO DE SÃO PAULO

Divulgados os resultados finais do primeiro turno da eleição presidencial de 1989 pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE), é possível ter uma idéia de como se comportam os eleitores brasileiros e o que eles esperam das candidaturas postas à sua disposição para escolha em 17 de dezembro. O resultado final da contagem dos votos indica que o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, superou todos os seus adversários em 23 dos 26 Estados da Federação e ficou em segundo lugar nos outros três, nos quais foi derrotado pelo terceiro colocado no cômputo geral, Leonel Brizola, do PDT.

O segundo colocado, Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, só superou o primeiro numa unidade da Federação, o Distrito Federal. Essa vitória isolada tem uma lógica transparente: na Capital Federal, falou mais alto o instinto de sobrevivência do estamento burocrático. As grandes corporações estatais, com seus privilégios e mordomias, suas vantagens e garantias, votou, no primeiro turno, e repetirá o voto, no segundo, em candidatos da esquerda comprometidos com a ideologia estatizante, temerosos de que a privatização destrua a grande

teta que têm sugado com sofreguidão. Esta é a mesma lógica capaz de explicar o voto prometido pela família Sarney no Maranhão ao candidato do PT, uma atitude impensável em qualquer outra circunstância eleitoral ou política. Como o clã chefiado pelo presidente, a tecnoburocracia vota na esquerda apenas para sobreviver, não importa como e a que custo. Afinal, a sociedade sempre paga a conta.

O mapa eleitoral do Brasil, desenhado após a divulgação da soma dos resultados obtidos pelos 21 candidatos a presidente nas 250 mil seções eleitorais espalhadas por todo o País, enterrou muitos dos mais prósperos e resistentes mitos da política nacional. Sempre se considerou como intransigentemente conservador o eleitorado dos chamados "grotões" (expressão utilizada pelo falecido presidente Tancredo Neves para definir os municípios localizados nos confins do vasto interior mineiro). Da mesma forma, o sertão nordestino era comparado com um grande curral de votos governistas. No primeiro turno, os grotões votaram em Collor e muitas seções do sertão transmitiram atas com números bem expressivos para Lula, graças ao proselitismo dos pá-

rocos ligados à Teologia da Libertação. Os grotões não são mais tão conservadores nem o sertão apenas governista.

Aliás, a própria dicotomia direita *versus* esquerda alimentada por alguns, foi posta em xeque ao longo da campanha presidencial. Até os conservadores gaúchos votaram em Brizola, enquanto os habitantes dos bairros sofisticados dos Jardins, em São Paulo, descarregaram seus votos em Mário Covas, do PSDB, que ganhou de Maluf nas vizinhanças da casa do candidato do PDS e foi perder dele no interior do Estado. A votação expressiva de Lula no Planalto Central traz a constatação da probabilidade da substituição dessa dicotomia clássica na política internacional há 200 anos por outra também antiga, a do divórcio entre o Estado e a Nação.

Na verdade, por mais que os adeptos de Lula queiram levar a discussão do segundo turno para o conflito entre *Capital e Trabalho*, "o tostão contra o mi-lhão", a real opção será entre a planificação estatal da economia e o primado da iniciativa privada.

O resultado final da eleição presidencial em Brasília de-

monstra que o funcionalismo público federal sabe que só conseguirá manter seus privilégios se garantirá a presença, no centro do poder, de um candidato estatizante. Lula, no Planalto, significa para esses funcionários a garantia de que poderão continuar a invadir, impunemente, os gabinetes dos ministros de Estado, como aconteceu recentemente no Ministério da Fazenda e do Trabalho. A vitória decisiva do PT no segundo turno é uma garantia não apenas da sobrevivência mas até mesmo da reprodução, com a ampliação de privilégios, dessa casta corporativa de funcionários do Banco do Brasil, da Petrobrás e de outras empresas públicas, que ganham salários acima dos pagos normalmente pelo mercado e levam vida de suco, enquanto a maioria da população compartilha de condições indianas de vida. O voto da casta tecnoburocrática, que manipula os cordéis do poder real nesta República, é e continuará a ser, coerentemente, caudatário das propostas centralizadoras e defensoras da planificação da economia, apresentadas por Lula e seus seguidores. O Estado brasileiro, o estamento burocrático, já se sabe, desde a abertura das urnas, em 15 de novembro, vota no PT.